

VIÚVAS DA TORRE: Fortalecimento Cultural em um Bloco Carnavalesco de João Pessoa-PB¹

*TOWER' WIDOWS: CULTURAL STRENGTHENING IN
A CARNIVAL BLOCK IN JOÃO PESSOA-PB*

Nayara Gomes Leite²
Mikaella Macêdo Silva³
Jesus Marmanillo Pereira⁴

Palavras-chave:
Viúvas da Torre;
Carnaval; Festa;
Cidade.

Resumo: do Bairro da Torre, em João Pessoa-PB, com mais de 30 anos de história. Como um bloco de participação popular, ele traduz uma celebração festiva que ultrapassa o período de carnaval oferecendo oportunidades para presenciar as interações sociais presentes tanto no contexto carnavalesco quanto na rotina de preparação para o período da festa, especialmente a sua organização e das múltiplas relações envolvendo o grupo e outros setores da cidade e o bairro que o acolhe: a Torre. Nesse sentido, a questão central deste artigo é compreender como o Bloco Viúvas da Torre utiliza e transforma seu ambiente urbano para criar um espaço de expressão cultural, interação social e significados simbólicos durante o carnaval. Por meio de entrevista estruturada realizada com o seu organizador, Jairo Pessoa, e com observação direta da festa objetivando apreender o seu ambiente festivo, analisamos a relação do evento com as dinâmicas locais (Canclini, 2013); o diálogo do bloco com outras expressões festivas para entender as interações sociais (Wirth, 1967); as formas das sociabilidades festivas naquele ambiente urbano (Magnani, 1992) e a compreensão das práticas culturais populares (Certeau, 1990) na sua relação com a cidade de João Pessoa, onde ele é considerado uma referência cultural importante, simbolizando a resistência da comunidade local, e fortalecendo a identidade do bairro, que é de forte ocupação comercial e também de residência de trabalhadores(as) urbanos(as).

¹ Recebido em 01/09/2025 e aceito em 16/10/2025.

² Mestranda em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal da Paraíba (PPGS-UFPB), bacharel em Ciências Sociais pela mesma instituição e integrante do Grupo de Ensino e Pesquisa em Sociologia, Estado e Movimentos Sociais(GEPSEM).
<https://orcid.org/0009-0006-4972-2225>

³ Graduada em Ciências Sociais na Universidade Federal da Paraíba e integrante do Grupo de Pesquisa, Ensino de Sociologia, Políticas Públicas, Cultura, Estado e Movimentos Sociais (GEPSEM)
<https://orcid.org/0009-0009-0415-5070>

⁴ Doutor em Sociologia, Docente do Departamento de Ciências Sociais (DCS) na Universidade Federal da Paraíba e coordenador do Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Cidades(LAEPCI).
<https://orcid.org/0000-0001-5220-5567>

Keywords:

Tower's Widows;
Carnival Block;
City.

Abstract: *The Tower Widows carnival block is an annual tradition in the Torre neighborhood of João Pessoa-PB, with more than 30 years of history. As a popular participation bloco, it translates a festive celebration that goes beyond the carnival period, offering opportunities to witness the social interactions present both in the carnival context and in the routine of preparing for the party period, especially its organization and the multiple relationships involving the group and other sectors of the city and the neighborhood that hosts it: Torre. In this sense, the central question of this article is to understand how the Bloco Viúvas da Torre uses and transforms its urban environment to create a space for cultural expression, social interaction and symbolic meanings during Carnival. Through a structured interview with its organizer, Jairo Pessoa, and direct observation of the festival to understand its festive atmosphere, we analyzed the event's relationship with local dynamics (Canclini, 2013); the bloco's dialogue with other festive expressions to understand social interactions (Wirth, 1967); the forms of festive sociability in that urban environment (Magnani, 1992) and the understanding of popular cultural practices (Certeau, 1990) in its relationship with the city of João Pessoa, where it is considered an important cultural reference, symbolizing the resistance of the local community, and strengthening the identity of the neighbourhood, which is heavily commercial and also home to urban workers.*

INTRODUÇÃO

O Bloco Carnavalesco “Viúvas da Torre” é realizado na Avenida Manoel Deodato desde 1993 no bairro da Torre, representando um dos eventos mais antigos que marca a própria identidade daquele lugar. Para Jairo Pessoa, que é o atual organizador do bloco, explica que o objetivo do bloco é celebrar a cultura local e fortalecer o cenário das festividades tradicionais do bairro. Para além de sua circunscrição sazonal no período carnavalesco e seu recorte geográfico, partimos da hipótese de que o bloco “Viúvas da Torre” é um ponto importante na constituição de uma memória coletiva e construção de significados simbólicos estruturantes para a própria comunidade.

O presente artigo visa analisar o Bloco Carnavalesco “Viúvas da Torre” como uma manifestação cultural e simbólica, explorando suas origens e trajetória ao longo de mais de três décadas e como esse pode estar relacionado com dinâmicas sociais e culturais inerentes ao contexto local. Nesse caminho, a questão central que orienta o presente estudo é compreender como o referido bloco utiliza e transforma seu ambiente urbano, criando um espaço de expressão cultural e interação social durante

o carnaval, ou seja, transita entre observações de contextos cotidianos e extraordinários.

Neste estudo de abordagem qualitativa, utilizamos as contribuições teóricas de Nestor García Canclini (2013), que traz sua análise das dinâmicas de diálogo e das múltiplas expressões culturais que permeiam a sociedade, como também nos baseamos nas perspectivas teóricas de José Magnani (1992) e Louis Wirth (1967), cujos estudos sobre as interações sociais e as sociabilidades nas festividades urbanas nos ajudam a compreender como se dão as práticas culturais dentro do espaço urbano. Como também, incorporamos a perspectiva de Michel de Certeau (1994), para compreender o bloco “Viúvas da Torre” como um exemplo vivo das táticas populares que reafirmam a importância das práticas culturais na preservação do patrimônio imaterial do bairro da Torre.

Em termos metodológicos, nos valem da observação direta na 31ª edição do bloco, no dia 04 de fevereiro de 2024, bem como com a realização de entrevista com Jairo Pessoa, que possui um engajamento cultural e cotidiano naquela manifestação. A partir dessas inserções foi possível coletar dados sobre o ambiente, as interações sociais e as dinâmicas culturais que ocorreram durante o evento, bem como compreender aspectos da organização e sua história. Realizaram-se anotações em diários de campo que foram dialogadas com registros audiovisuais que possibilitaram revisitar momentos-chave e aprofundar nossas análises. Além disso, produzimos uma análise documental, examinando materiais históricos e contemporâneos sobre o Bloco Viúvas da Torre, incluindo artigos de jornais, registros oficiais e redes sociais. Tais dados e reflexões possibilitaram estruturar o artigo em duas partes: uma focada em contextualizar o bairro da Torre e suas dimensões sócio históricas e culturais, e outra dedicada à observação participante.

CENÁRIO

Localizado na cidade de João Pessoa, no estado da Paraíba, o bairro da Torre está próximo ao centro da cidade. Ele é um bairro residencial e comercial, cujo limite ao norte com o Bairro dos Estados ocorre por meio da Av. Presidente Epitácio Pessoa, ao sul, tem na Av. Dom Pedro II seu limite com o Jardim Botânico Benjamim Maranhão, mais conhecido como a Mata do Buraquinho. Já a leste, separa-se dos bairros Expedicionários e Castelo Branco por meio da Av. Expedicionários e do Rio Jaguaribe, e a oeste separa-se do centro por meio da Av. Bento da Gama.

Sobre algumas relações sociais históricas, podemos citar o estudo de Meneses (2004, p.110) que aponta que o bairro da Torre abrigava uma população proletária e

que havia nascido da vontade de Joaquim Vicente Torres que fez a própria habitação naquele lugar em 1919. As casas se multiplicaram ao longo de uma avenida que recebeu o nome do fundador, o que reflete a importância histórica de Joaquim Torres, destacada também pela reportagem “A homenagem dos operários paraibanos ao mestre Joaquim Torres” (Jornal União, 04 de março de 1947), que mencionava ainda Corinta Rosas. A história do bairro é sinalizada nos próprios nomes das ruas e logradouros do lugar. A memória do bairro se mantém nos nomes de suas ruas e logradouros, como as avenidas Manoel Deodato, Corinta Rosas e Joaquim Torres, além do Mercado Público e do próprio nome do bairro, todos evocando a trajetória do operário e fundador. Esses elementos revelam a formação histórica e social da Torre e convidam a uma compreensão mais ampla de sua identidade.

Imagem1 – Homenagem a Joaquim Torres



Fonte: A união, 1947.

Segundo o estudo de Meneses (2004), Corinta Rosas Monteiro doou o terreno em 1935 para a construção da primeira capela do bairro enquanto Joaquim Torres articulou um grupo de moradores em um trabalho de arrecadação de doações para garantir a edificação da capela, bem como o próprio processo de construção. Segundo Silva (2014) o bairro ocupava em 2010 a 16ª posição em termos populacionais, possuindo 15.193 habitantes dos quais 6.597 representa a população masculina e 8.596 a população feminina.

Quanto à importância do bairro no âmbito das manifestações culturais populares, é importante citar que o bairro já foi visitado pela Missão de Pesquisas Folclóricas liderada por Mário de Andrade em duas ocasiões distintas. A primeira visita ocorreu em 1929, com a presença do próprio Mário de Andrade, durante a fase inicial de suas pesquisas sobre a cultura popular brasileira. A segunda visita aconteceu em 1938, quando o bairro ainda era chamado de Torrelândia, embora, desta vez, Andrade não

estivesse presente. Nessa ocasião, a missão explorou a vida cultural do local, visitando espaços onde ocorriam danças típicas e terreiros de candomblé, destacando as tradições populares e religiosas que faziam parte do cotidiano da comunidade.

Esse legado cultural se mantém vivo até os dias de hoje, como exemplifica o “Viúvas da Torre”, que é, segundo o presidente da agremiação, Jairo Pessoa (2024), o bloco mais antigo em atividade no bairro. Ele destaca que o bairro da Torre é um referencial para o fortalecimento de outras iniciativas culturais, como o surgimento de novos blocos carnavalescos. Jairo ressalta que: “[...] o bairro tem uma forte efervescência cultural, carrega esse fervor carnavalesco, junino... um bairro popular, formado por trabalhadores e que tinham o brincar muito presente”. Assim, o bairro da Torre não é apenas um espaço geográfico, mas um microcosmo que reflete o desenvolvimento urbano, cultural e social de João Pessoa, destacando-se como um espaço significativo da cidade e das pessoas que fazem parte dele.

Durante a entrevista realizada com Jairo Pessoa, em 2024, foi informado que a concepção do “Viúvas da Torre”, em 1993, surgiu como uma iniciativa para reunir amigos (as). Nesse contexto, o nome “Viúvas da Torre” foi concebido para simbolizar as “viúvas culturais” do bairro, que na perspectiva de Jairo, a tradição estava se perdendo. No primeiro ano, o evento teve caráter informal; no segundo ano, mais participantes aderiram ao uso de fantasias; no terceiro ano, foi introduzido um carro de som; e no quarto ano, Jairo buscou patrocinadores entre os (as) comerciantes do bairro. Jairo também destacou que diversos blocos surgiram e desapareceram devido à mudança dos (as) moradores (as) ou ao envelhecimento da população, resultando na falta de continuidade das festividades.

Nos primeiros anos de existência, o bloco “Viúvas da Torre” estava mais relacionado com a diversão e o brincar do que com qualquer planejamento futuro. A relação dos participantes com o bloco era marcada pela informalidade e espontaneidade, celebrando a cultura do bairro, e servindo de encontro para os (as) amigos (as) continuarem as festividades em outro bloco carnavalesco da cidade de João Pessoa, as Virgens de Tambaú, o qual se concentra na Avenida Eptácio Pessoa em direção ao Busto de Tamandaré. Jairo Pessoa assumiu um papel mais ativo na organização do bloco à medida que a necessidade de profissionalismo e uma melhor organização foram se impondo.

Seguindo o panorama da trajetória do “Viúvas da Torre”, nos anos 2000, o bloco enfrentou um momento de luto com o falecimento de uma das colaboradoras, três meses antes do carnaval. Apesar da sensibilidade desse acontecimento, os amigos persistiram com o sentimento de união, fortalecendo os laços em prol da realização da festividade. Ainda nos anos 2000, com o intuito de reforçar a identidade cultural do

bloco, Jairo começou a incluir apresentações de artistas locais que tinham ligações com o bairro da Torre, como Rafael Araújo da “Banda Brasis” e Totonho. Esses artistas contribuíram para fortalecer o aspecto cultural do “Viúvas da Torre”, integrando influências do frevo e de outros estilos musicais, e ajudando a solidificar o sentido das Viúvas como um símbolo cultural do bairro.

É importante ressaltar que essas influências são relacionadas ao próprio cenário cultural do bairro na qual se localiza, pois os estudos de Serrano (2018) apontam que naquele lugar existiram grupos como o clube carnalesco Índios Africano, entre as décadas de 1930 e 1990, O clube de frevo de orquestra Bandeirantes e a escola da samba “malandros da Torre”, existentes, respectivamente, desde 1950 e 1956, caracterizando um rico terreno de influências para o “Viúvas da Torre”.

Imagem 2 - Primeira matéria sobre o bloco Viúvas da Torre, 2008.



Fonte: Jornal O Norte

Continuando, vale salientar que, nas edições mais recentes do bloco, em 2023, a polícia militar invadiu o palco interrompendo o último show da noite, do cantor Totonho, finalizando sua apresentação antes do que estava previsto, desconsiderando o Termo de Ajustamento de Conduta, assinado pelo Folia de Rua, o qual ressalta que os blocos poderiam seguir suas festividades até a meia-noite. O público se manifestou contrário a essa ação policial, resultando em cânticos contra as forças de segurança. Isso nos faz recordar que para Certeau (1994), a vivência social é marcada por interações constantes entre os atores e pelos modos de ação que estruturam a experiência individual e coletiva.

A própria noção de tática, segundo Certeau (1994), se revela nesse contexto: diante da força policial legitimada pelo Estado, os cânticos funcionam como uma

forma de resistência não violenta, ou seja, não criam condições para uma reação agressiva por parte da polícia. A tática se manifesta na própria situação, justamente porque indivíduos considerados “frágeis”, sem poder formal ou legítimo frente aos policiais, conseguem agir dentro daquele cenário de opressão, valendo-se da astúcia e do recurso à própria cultura popular que emerge do cotidiano.

Em contraste, na edição de 2024, observou-se uma mudança notável na relação do bloco com as autoridades. Neste ano, a presença policial foi minimamente perceptível, com as forças de segurança passando pelo local apenas ao final do evento. Já em 2025, esse bloco tradicional contou com a participação de bandas como Val Donato, Nathalia Bellar e Lukete, com o show “Quem roubou Minha Cueca”, com a presença do urso Alegria e das orquestras AZDD e Tambaú.

Além de celebrar o carnaval, o Bloco Viúvas da Torre se posiciona como um relevante patrimônio cultural e simbólico de resistência na comunidade local. O bloco cumpre um papel crucial na preservação e na valorização das tradições culturais de João Pessoa, sendo um exemplo de como o carnaval de rua pode refletir e fortalecer o sentimento de pertencimento dos participantes e moradores do bairro.

Segundo a reportagem do site da Câmara Municipal de João Pessoa, o Bloco Viúvas da Torre se destaca por trazer o autêntico carnaval de rua para o bairro, revivendo e perpetuando práticas carnavalescas da cultura local. A festividade não só agrega o calendário cultural da cidade, mas também se torna um ponto de resistência cultural, mantendo viva a tradição do carnaval de rua em um ambiente onde outras formas de festividades podem ter ganhado maior destaque.

Ao considerar essas interações culturais no espaço e no tempo, somos levadas a pensar nas teorias de Canclini (2013), o qual utiliza o conceito de culturas híbridas em seu livro “Culturas Híbridas: Estratégias Para Entrar e Sair da Modernidade” (2013) para explicar a diversidade de culturas que coexistem em um espaço, ocasionando a hibridização e a transformação de uma cultura dita como original. Ao aplicar esse conceito na análise socioantropológica do Bloco Viúvas da Torre, identificamos aspectos das influências culturais mútuas que Canclini menciona.

A dualidade entre o carnaval de rua tradicional de João Pessoa e as práticas urbanas contemporâneas exemplifica, em uma primeira análise, o processo de hibridização cultural. O bloco se posiciona como uma forma de resistência cultural, incorporando elementos locais e misturando-os com novas práticas e influências externas, a exemplo da diversidade de ritmos presentes nesta manifestação, como pontua o organizador do bloco. Assim, essa mistura tem por finalidade fortalecer a prática cultural do bairro da Torre. O Bloco Viúvas da Torre expressa como práticas culturais tradicionais, tal como o carnaval, podem ser adaptadas e transformadas em

novos contextos urbanos. O desenvolvimento do bloco, de uma simples reunião de amigos (as) para um evento mais organizado com patrocínios locais, também evidencia a hibridização entre o tradicional (com a interação social direta entre os (as) participante no começo do bloco) e o moderno (organização de projeção e visibilidade de público nos dias atuais).

Essa adaptação dialoga diretamente com o conceito de culturas híbridas, que enfatiza a importância do intercâmbio cultural em um mundo globalizado. O bloco, ao trazer artistas com origens no bairro e influências diversas, demonstra como a cultura local está em constante diálogo com influências externas. A mistura de estilos musicais e práticas culturais de diferentes origens é uma manifestação dessa hibridização, tornando o bloco um espaço de diálogo cultural no ambiente urbano. Canclini afirma: "Nenhum objeto tem o seu caráter popular garantido para sempre porque foi produzido pelo povo ou porque este o consome com avidez; o sentido e o valor populares vão sendo conquistados nas relações sociais". (CANCLINI, 1983, p.153)

Assim, Canclini sugere que o caráter popular de um objeto, prática ou manifestação cultural não é algo fixo ou garantido pelo simples fato de ter sido criado ou consumido pelo povo. Em outras palavras, um objeto ou prática cultural não se torna automaticamente popular apenas por ter origem popular ou ser amplamente consumido. Em vez disso, o sentido e os valores "populares" de algo são dinâmicos e se constroem ao longo do tempo através das interações sociais.

Canclini, desta forma, desafia a ideia de culturas puras ou autênticas, e o Bloco "Viúvas da Torre" exemplifica essa desconstrução, sendo continuamente reinventado. As características dos (as) participantes e do próprio bloco são moldadas por essa diversidade, permitindo expressões variadas que combinam tradições locais com aspectos modernos. Esse fenômeno se reflete nas fantasias, músicas e performances do evento, evidenciando a diversidade cultural na atualidade. Além disso, o bloco utiliza a hibridização como forma de resistência e criatividade, mantendo viva a tradição carnavalesca, demonstrando como as expressões culturais podem resistir à homogeneização e se reinventar.

Nesse sentido, a análise de Wirth (1967) oferece uma perspectiva complementar, ajudando a entender como o bloco funciona como um reflexo das dinâmicas e características do ambiente urbano em que está inserido. De acordo com Wirth (1967), as grandes cidades são caracterizadas por uma alta concentração de pessoas e uma densidade populacional que cria um ambiente de complexidade social, enfatizando assim, à elaboração sociológica das cidades, a qual serve para chamar atenção às inter-relações e a determinada forma de associação humana entre

elas existentes. Segundo o autor, quanto maior a cidade, mais aparente é essa característica específica do urbanismo.

Já quando observamos o Bloco “Viúvas da Torre” ocorre em João Pessoa, uma cidade onde o crescimento urbano pujante . na qual, verificamos que o bairro da Torre carrega consigo uma tradição histórica demonstrada nos nomes das ruas, monumentos e festividades, como demonstrado até agora. Traz um ritmo cotidiano próprio (Lefebvre, 2022) que é distinto das ocupações recentes e “modernas” ocorridas em outras regiões da cidade, caracterizado em grandes concentrações de pessoas que expressadas em conjuntos de prédios e outros tipos de torres que marcam historicamente o denso crescimento vertical da cidade.

A perspectiva de Wirth (1967) sobre o papel das cidades como centros de influência econômica, política e cultural é importante para a compreensão do Bloco “Viúvas da Torre” e da própria João Pessoa como uma cidade composta de diversos tipos de agrupamentos humanos de heterogeneidade, densidade e o tamanho da população. Pela perspectiva desse autor, o “modo de vida” da torre caracterizaria um ambiente cultural e de interações relacionadas às três variáveis citadas e condição para a emergência da própria manifestação cultural. Nesse sentido, o Bloco “Viúvas da Torre” funciona como um microcosmo dessa complexidade, reunindo pessoas de diversas classes sociais, gêneros, etnias e faixas etárias em um espaço urbano. Foi possível perceber a presença desses grupos durante a 31ª edição do bloco, realizada em 2024, na qual a interação e convivência entre esses grupos diversos refletiram as características que Wirth atribui às cidades, reconhecidas como núcleos densos e heterogêneos.

Na relação entre as características mais estruturais, como o papel do bairro da Torre em um tipo de divisão do trabalho desenvolvido ao longo da história de João Pessoa, as características populacionais do bairro e as condições de construção de uma cultura popular naquele local são importantes enfatizar os estudos de Magnani (1998) quando propõe pensar as dinâmicas internas de um bairro não exclusivamente como resultantes de uma dinâmica maior da cidade em seus aspectos produtivos O autor ressalta a importância de se considerar os bairros como espaço para um tipo de criatividade que emerge da vida familiar, diferentes formas de entretenimento e cultura popular. Por esse caminho, a relação entre o ambiente urbano nas práticas culturais poderia ser interpretadas por meio da noção de “pedaços” ou “manchas” (Magnani, 1992). Tal viés, nos possibilita entender que o “Viúvas da Torre” seria um tipo de “pedaço” cultural dentro do contexto urbano de João Pessoa, no qual os (as) participantes compartilham símbolos e práticas que não apenas definem o território, mas também reúnem a diversidade de classes sociais, gêneros e etnias presentes na

cidade. Ao comparar o Bloco “Viúvas da Torre” com outras festividades, como o Bloco das Virgens, é possível realizar uma análise mais detalhada das dinâmicas culturais e das identidades associadas a diferentes “pedaços” da cidade.

Essa comparação ajuda a identificar como diferentes áreas e eventos atraem públicos distintos, com base em suas características culturais e sociais específicas. Por exemplo, enquanto o “Viúvas da Torre” pode ter uma identidade ligada a uma particular tradição ou estilo carnavalesco, as “Virgens de Tambaú” podem se destacar por outro conjunto de práticas e valores, atraindo, portanto, diferentes segmentos da população e refletindo uma diversidade de práticas culturais e identidades no carnaval de João Pessoa. Esse tipo de análise ilustra como os “pedaços” da cidade, cada um com suas características próprias, contribuem para a diversidade e complexidade do panorama cultural urbano pessoense.

A diferença com a idéia do pedaço tradicional é que aqui os freqüentadores não necessariamente se conhecem ao menos não por intermédio de vínculos construídos no dia-a-dia do bairro, mas sim se reconhecem enquanto portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo, modos de vida semelhantes. Está-se entre iguais, nesses lugares: o território é claramente delimitado por marcas exclusivas. O componente espacial do pedaço, ainda que inserido num equipamento de amplo acesso, não comporta ambigüidades porque está impregnado pelo aspecto simbólico que lhe empresta a forma de apropriação característica. (MAGNANI, 1992, p. 194-195)

O bloco pode ser visto como um “pedaço” da cidade em que os (as) participantes se reconhecem não necessariamente pelos laços cotidianos, mas pelos símbolos compartilhados do bloco, como as fantasias, as músicas, e a identidade. Isso cria um espaço simbólico onde os (as) participantes se sentem parte de um grupo com gostos e valores semelhantes, independentemente de suas conexões diárias.

Sobre as estratégias e táticas associadas ao “Viúvas da Torre”, podemos analisá-las à luz das ideias de Michel de Certeau (1994). Para o autor, as estratégias são práticas institucionais e dominantes que organizam e delimitam os espaços urbanos, enquanto as táticas são formas criativas de resistência utilizadas pelas pessoas para ressignificar esses espaços. O “Viúvas da Torre” exemplifica essa dinâmica ao ocupar as ruas do bairro, transformando temporariamente o espaço urbano em um ambiente de celebração e resistência cultural. Os (as) moradores (as) se apropriam das ruas de maneira inventiva, utilizando-as para afirmar suas identidades culturais e reforçar laços comunitários. Essa capacidade de adaptação reflete o que Certeau chama de “invenção do cotidiano”, ou seja, a maneira como as

peças utilizam os recursos disponíveis para criar novas formas de existência dentro das estruturas sociais e culturais.

Caminhando entre foliões

No que diz respeito a observação feita no dia 04 de fevereiro de 2024, na sua 31ª edição, o bloco “Viúvas da Torre” transformou a avenida Manoel Deodato em um espaço para manifestações artísticas populares. A festividade é um evento importante no calendário do bairro, conhecido por suas expressões artísticas. Jairo Pessoa, idealizador do bloco, expressou durante a abertura que a missão do “Viúvas da Torre” vai além de proporcionar alegria aos foliões, mas também busca valorizar os artistas locais e as diversas manifestações culturais, bem como incrementar novos ritmos e expressões nas apresentações.

O local do evento é estrategicamente estabelecido, com o palco centralizando a avenida, parcialmente interditada para a realização dos festejos, enquanto o camarim se posiciona logo atrás do palco. Normalmente uma via movimentada, a avenida, durante o bloco, transforma-se. Estabelecimentos como oficinas mecânicas, depósitos de bebidas, padarias e clínicas de estética dão lugar a vendedores ambulantes que ocupam predominantemente as calçadas, oferecendo uma variedade de alimentos.

Imagem 3 - Palco edição 2024 bloco “Viúvas da Torre”



Fonte: Acervo pessoal, 2024;.

Em relação às atrações, a edição de 2024 do bloco apresentou uma diversidade de artistas e grupos entre os quais destacamos: O Urso Panda da Torre, seguido pelo

Maracatu Quilombo Nagô, existente desde 2023, que desfilou ao longo da avenida, animando os presentes com sua percussão e danças, a cantora Val Donato que proporcionou um repertório especial centrado nos clássicos do axé, o cantor Totonho marcante pela fusão de ritmos regionais como o repente, o coco com outros globais como o hip-hop e o funk. Na programação também se destacou o cantor pernambucano Romero Ferro que trouxe o ritmo frevo e sua fusão com outros ritmos e estilos.

Imagem 4 - Urso Panda da Torre e Maracatu Quilombo Nagô



Fonte: Roan Nascimento, 2024.

A tradição e a recepção de inovações são aspectos que demarcam um lugar estratégico da grande festa “Viúvas da Torre” em relação às outras festividades ocorridas em outros bairros periféricos ou nobres da cidade. E relação aos “Ursos” conhecidos como “A la Ursa”, coloca o bairro em relação a um circuito maior composto por outras manifestações como, por exemplo, o Urso Sem Lenço Sem Documento (bairro do Roger), Urso Gavião (bairro do Roger) e Urso Amigo da Batucada, entre outros como que possibilitam compreender um tipo de territorialização cultural da cidade.

O Uso panda também é observado no bairro no Cristo, sinalizando que apesar de alguns blocos permanecerem sempre em determinado território ou se apresentarem a partir de um lugar, ocorrem também deslocamentos como o já citado clube carnavalesco Índios Africano, entre as décadas de 1930 e 1990 permaneceu no bairro da Torre, mas que se iniciou no Roger em 1918 e que após a década de 1990 transferiu-se para o bairro do Cristo (Serrano 2018).

Seguindo a programação oficial do bloco que indicava o início do evento às 16h30, dirigimo-nos ao local por volta das 17h, verificando que o evento não havia

iniciado e que o lugar dispunha de uma quantidade reduzida de pessoas naquele ambiente sem sonorização musical. Foi o momento em que transitamos pelo ambiente e tivemos a oportunidade de conversar com mais tranquilidade com as pessoas, que passaram a se aglutinar com o passar do tempo, aumentando a densidade e transformando o cenário de certa calma para outro mais agitado.

Mantivemos conversas informais com alguns amigos que não eram do bairro e que estavam participando do bloco, pela primeira vez. Apesar de não terem vivência prévia no local, eles demonstraram grande interesse pela festividade e puderam oferecer impressões externas sobre a experiência. Notamos que havia certas opiniões comuns entre eles, especialmente em relação à diversidade das atrações e à energia do público.

Eles destacaram ainda a diversidade do público presente, ressaltando como essa variedade contribuiu para que se sentissem confortáveis e seguros no local. Essa percepção pode ser compreendida à luz das análises de Louis Wirth (1967) sobre o modo de vida urbano: em espaços menores, a proximidade física e a interação frequente entre os membros da comunidade favorecem a formação de laços sociais mais fortes e uma maior sensação de pertencimento, ao passo que nas grandes cidades, as relações tendem a ser mais impessoais e fragmentadas, gerando sensação de anonimato e insegurança.

Complementando essa perspectiva, Marmanillo (2018) aponta que, em contextos urbanos marcados pela violência, o medo leva as pessoas ao isolamento e à criação de enclaves fortificados, o que desagrega as relações sociais e fragmenta o espaço urbano. Nesse sentido, mesmo sendo visitantes e estudantes universitários, os amigos perceberam no evento uma atmosfera de acolhimento e confiança, possivelmente decorrente de uma sensação de coesão social do bairro e da interação direta entre os participantes, criando uma experiência que se diferencia da lógica de segregação e medo típica de outros contextos urbanos.

No caso do bairro da Torre, há um conjunto de símbolos que evocam uma tradição, e consequentemente laços indenitários dos participantes. Não se tratando de uma nova localidade da cidade marcada por grande número de moradores desconhecidos entre si e adensados em gigantescos “muros” compostos de torres e arranha-céus, o bairro da Torre traz um processo de urbanização gradual, horizontal e de contato maior entre as pessoas que é uma condição fundamental para a fluência desse carnaval. Assim, uma observação que chamou a atenção desses interlocutores foi o estandarte do bloco carregado por um morador local pois, trazia uma mensagem política de resistência, reforçada pela data de fundação do bloco, exposta no estandarte (Fundado em 1993). Traz, assim, a evidência a permanência histórica da

iniciativa e seu compromisso com a continuação de tradições culturais e valores comunitários.

Imagem 5 - Bloco 'Viúvas da Torre' em João Pessoa



Fonte: Jornal da Paraíba 2025.

A análise do bloco Viúvas da Torre revela como uma manifestação cultural pode se transformar ao longo do tempo, refletindo as dinâmicas urbanas, sociais e culturais de um bairro em constante desenvolvimento. A trajetória do bloco, desde sua origem informal até sua estruturação atual, exemplifica a hibridização cultural e a resistência através da valorização das tradições locais, integrando novas influências e práticas. Esse estudo reafirma a importância de eventos como o “Viúvas da Torre” na preservação da identidade cultural e na promoção do diálogo entre diferentes expressões culturais, contribuindo para a sua vitalidade e relevância dentro do cenário urbano da cidade.

O espaço urbano não é apenas um conjunto de construções e ruas, mas um ambiente onde as interações humanas, práticas sociais, expressões culturais e econômicas se entrelaçam. Ele funciona como um palco onde as identidades individuais e coletivas se manifestam através de atividades cotidianas, manifestações culturais e históricas. Ao explorar essa questão, nós buscamos entender como o espaço urbano molda e é moldado pelas experiências vividas pelas pessoas que o habitam.

Considerações finais

Esta pesquisa aponta para a relevância do Bloco Carnavalesco "Viúvas da Torre", situado no bairro da Torre em João Pessoa-PB, como um símbolo de resistência cultural. Durante o estudo, evidenciou-se que o Viúvas da Torre transcende sua função de bloco carnavalesco para se firmar como um lugar de preservação e revitalização da identidade cultural local. Ao longo das últimas três décadas, percebe-se como o bloco enfrenta desafios significativos impostos pelas transformações urbanas. Ao explorar como este espaço se transforma durante o carnaval, revelamos suas camadas de significados simbólicos, suas interações sociais e suas conexões com as dinâmicas sociais da comunidade. Assim, o estudo não apenas documenta a história e os rituais do bloco, mas também sublinha sua capacidade de perpetuar e fortalecer a cultura local.

O surgimento do Bloco Viúvas da Torre se deu em resposta à percepção dos (as) moradores (as) do bairro de que as tradicionais manifestações carnavalescas estavam em risco de desaparecer, ameaçadas pela mudança da estrutura etária e pela migração populacional para outras regiões da cidade. Neste contexto, o bloco foi criado como uma forma de resistência, buscando manter viva a efervescência cultural do bairro e garantindo a continuidade da celebração do bloco carnavalesco que constitui a memória coletiva da comunidade. Diante disso, o nome "Viúvas da Torre" carrega em si uma carga simbólica, remetendo à ideia de luto pela possível perda dessas tradições e à celebração da luta por sua sobrevivência.

O bairro conta com uma diversidade de expressões culturais, incluindo as escolas de samba Malandros do Morro e Acadêmicos do Ritmo da Torre, além de quadrilhas juninas como a Pindura Saia. Também se destacam os "Ursos", como o Urso da Alegria da Torre e o Urso Cabuloso da Paz. Entre os clubes, estão os Gigantes do Frevo e o Bandeirantes da Torre. O Bloco Carnavalesco Flatorre, atuando como uma associação recreativa carnavalesca, também faz parte do cenário cultural da região. Esses exemplos refletem a diversidade de expressões culturais presentes no bairro, assim como a longevidade do Bloco Viúvas da Torre em meio a esse panorama cultural diverso do bairro.

A imersão no ambiente festivo e o contato direto com os (as) participantes do bloco foram cruciais para a compreensão das práticas culturais que sustentam o Viúvas da Torre. A observação de campo permitiu captar as interações e os significados culturais que permeiam o evento. A ida a campo foi importante para capturar as nuances e significados das dinâmicas sociais que se desenrolam durante as festividades, proporcionando uma visão mais abrangente e detalhada do papel do bloco no bairro.

Por meio da análise de conceitos como hibridização cultural, proposta por Néstor García Canclini (2013), da ideia de espaços urbanos de lazer de José Guilherme Magnani (1992), da cidade enquanto entidade social em Louis Wirth (1967), e de teoria das práticas cotidianas de Michel de Certeau (1990), foi possível compreender como o Viúvas da Torre atua para o fortalecimento da identidade cultural daqueles(as) que participam da celebração, bem como, para a renovação da memória coletiva do bairro.

Portanto, o bloco exemplifica a importância das interações culturais e sociais que ocorrem no espaço urbano, caracterizado não apenas pelo trânsito de pessoas, mas evidenciando como eventos locais podem influenciar e ser influenciados pelo ambiente em que estão inseridos. As recentes edições do Viúvas da Torre, marcadas tanto por desafios quanto por momentos de celebração, reafirmam a resiliência da cultura popular e a capacidade de adaptação aos desafios existentes em contextos urbanos complexos. Ao documentar a existência do Viúvas da Torre, este trabalho buscou reconhecer a importância de tais manifestações culturais. Por fim, esse estudo contribui para a valorização e preservação da cultura local, ao mesmo tempo que oferece análises para futuras pesquisas sobre a relação entre cultura urbana, interações coletivas e dinâmicas sociais em contextos urbanos.

Referências

ALVES, C. **Polícia Militar sobe ao palco e interrompe show de Totonho no bloco Viúvas da Torre**. Brasil de Fato. João Pessoa - PB | 13 de fevereiro de 2023. Disponível em: <<https://www.brasildefatopb.com.br/2023/02/13/policia-militar-sobe-ao-palco-e-interrompe-show-de-totonho-no-bloco-viuvvas-da-torre>>. Acesso em 09 de agosto de 2024.

A UNIÃO. **A homenagem dos operários paraibanos ao mestre Joaquim Torres**. A União, João Pessoa, 4 mar. 1947.

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**. Censo Demográfico 2010: sinopse. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=25&dados=0>>. Acesso em: 09 ago. 2024.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). João Pessoa: panorama. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/joao-pessoa/panorama>>. Acesso em: 09 ago. 2024.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas: Estratégias Para Entrar e Sair da Modernidade**. 4º ed, São Paulo: EDUSP, 2013.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano I: as artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
PAIS, J.M. Vida cotidiana: enigmas e revelações.

JORNAL DA PARAÍBA. Bloco Viúvas da Torre em João Pessoa. Jornal da Paraíba, [2024]. Disponível em: <https://jornaldaparaiba.com.br/guia-qualaboa/bloco-viuvvas-da-torre-em-joao-pessoa>. Acesso em: 17 ago. 2025.

MAGNANI, J.G.C. **Da periferia ao centro: pedaços e trajetos**. Revista de Antropologia. São Paulo, USP, v. 35, p. 191-203. 1992. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/111360>>. Acesso em: 13 de maio de 2024.

MARMANILLO, Jesus. **Violência urbana e o medo: violência e desagregação das relações sociais urbanas**. Mangue Virtual, 18 fev. 2018. Disponível em: <https://manguevirtual.blogspot.com/2018/02/violencia-urbana-e-o-medo-violencia-e.html>. Acesso em: 24 ago. 2025.

MENESES, M. S. **O processo de demolição e desmonte das irmandades religiosas na cidade da Parahyba (1923-1935): o caso das Mercês**. 2014. 165 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal da Paraíba, Centro de Tecnologia, João Pessoa, 2014.

OLIVEIRA, C. **Fogosas, loucas e desinibidas, o bloco Virgens de Tambaú comemora 30 anos**. Câmara Municipal de João Pessoa. João Pessoa, publicado em 31 de janeiro de 2017. Disponível em <<https://antigo.joaopessoa.pb.leg.br/imprensa/noticias/fogosas-loucas-e-desinibidas-o-bloco-virgens-de-tambau-comemora-30-anos>>. Acesso em: 09 de agosto de 2024

PIRES, F. F. **Roteiro sentimental para o trabalho de campo**. Cadernos de campo, São Paulo, n. 20, p. 143- 148, 2011.

Prévia carnavalesca em João Pessoa reúne milhares de foliões e centenas de blocos. 5 de fevereiro de 2020. O Que Fazer. Disponível em: <<https://www.destinoparaiba.pb.gov.br/oquefazer/previa-carnavalesca-em-joao-pessoa-reune-milhares-de-folioes-e-centenas-de-blocos/#:~:text=Uni%C3%A3o%20%E2%80%93%20Associa%C3%A7%C3%A3o%20Folia%20de,resgatavam%20o%20carnaval%20da%20cidade>>. Acesso em 09 de agosto de 2024.

RODRIGUES, D. **Bloco Viúvas da Torre traz o autêntico carnaval de rua para o bairro**. Câmara Municipal de João Pessoa. Publicado 30/01/2017. Disponível em <<https://antigo.joaopessoa.pb.leg.br/imprensa/noticias/bloco-viuvias-da-torre-traz-o-autentico-carnaval-de-rua-para-o-bairro>>. Acesso em 29 de abril de 2024.

SILVA, Jossandro Araújo da. **Uma análise sócio-espacial do mercado público do Bairro da Torre – João Pessoa**, PB. 2014. 59 f. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

WIRTH, L. **O urbanismo como modo de vida**. In: VELHO, O. G. (org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro, 1967.